

## MULHERES MASTECTOMIZADAS EM CENA: O TEATRO TRANSFORMANDO VIDAS

Ney Wendell<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo traz um relato sobre a utilização do teatro no tratamento do câncer de mama no grupo Gamma do Hospital Aristides Maltez/HAM, em Salvador-BA. O objetivo é mostrar a importância da arte no atendimento psicossocial de mulheres mastectomizadas e da metodologia teatral como processo criativo e sensível para dinamizar a saúde corporal e emocional destas pacientes. A descrição da referida experiência artística e social foi realizada no período de 2003 a 2009, afirmando o impacto diferencial do teatro no desenvolvimento de bem-estar de pacientes com câncer.

**Palavras-chaves:** câncer; arte; teatro; saúde.

### Introdução

*Minha primeira pergunta foi se eu ia viver se tirasse a mama.*  
Paciente D.<sup>2</sup>

É profunda a dor das mulheres que tiveram seus seios retirados por causa do câncer. As artes podem ajudar a minimizar esta dor pela sua abertura para o campo sensível e afetivo de cada ser humano. A experiência artística provoca uma liberação e uma socialização dos sentimentos que transformam o olhar de cada um sobre si mesmo e o mundo ao redor, a partir da percepção criativa. É este trabalho que o Grupo de Mulheres Mastectomizadas<sup>3</sup> do Hospital Aristidez Maltez (GAMMA<sup>4</sup>) desenvolve, em Salvador-BA, desde 1985 quando se escolheu o itinerário transformador das artes para o desenvolvimento da saúde.

Neste grupo existem diversas atividades de apoio psicológico e social, destacando-se a escolha lúdica e criativa das atividades artísticas com dança, teatro, música e artesanato. Esta é uma opção de transformação salutar pelo viés da produção artística, que responde a dúvida de continuar ou não vivendo. Uma dúvida que muitas pacientes experimentam no momento de crise.

As artes no trabalho psicossocial é um caminho de estar junto na afetividade e promover algo fundamental e corajoso para estas mulheres: celebrar a vida!

Neste artigo guiarei o olhar para uma destas práticas artísticas, que focaliza a emoção como base transformadora: o teatro. Eu desenvolvi esta linguagem artística como diretor teatral voluntário entre os anos de 2003 a 2009. Durante estes seis anos de trabalho utilizei uma metodologia da criação de espetáculos, como processo de desenvolvimento humano, nos aspectos pessoais e relacionais. O diferencial criativo desta construção da obra artística foi que os próprios pacientes a concebiam de forma

---

<sup>1</sup> Ney Wendell tem pós-doutorado em Sociologia da Cultura pela UQAM (Canadá) e é mestre e doutor em artes cênicas pela UFBA (Bahia-Brasil).

<sup>2</sup> Estes depoimentos anônimos fazem parte das entrevistas realizadas pelo autor com um grupo focal de 05 pacientes de contextos sociais e idades diferentes (GAMMA, 2009).

<sup>3</sup> Mulheres que passaram por uma cirurgia de remoção parcial ou total da mama por causa do câncer (AZEVEDO, 2006).

<sup>4</sup> "O Grupo de Apoio às Mulheres Mastectomizadas – GAMMA, um órgão da Liga Bahiana Contra o Câncer do Hospital Aristides Maltez, foi fundado em 1985 pelas voluntárias Irma Hellwig, Lúcia Kreling, Norma Rodrigues e Zuleide Schweers com o objetivo de apoiar o trabalho de recuperação das mulheres submetidas à mastectomia" (GAMMA, 2006).

coletiva, posicionando-se como artistas em cena. Esta cena era vista como reprodução lúdica do cotidiano, revelando a dor do câncer e a sua superação através de metáforas e histórias reconstruídas esteticamente.

### **1. A prática artística no tratamento do câncer**

Ao trabalhar com as artes, o GAMMA compreende que ao fazer alguma atividade artística as pacientes trazem materiais criativos dos próprios desafios de sua existência para a obra. Isso é completamente real e concreto, pois o material artístico de um espetáculo teatral vem das narrativas de vida do passado e do presente, além dos desejos futuros. Outro aspecto é que esta experiência com as artes, também, confirma o aprendizado das pacientes em lidarem construtivamente as próprias vidas, atribuindo novos sentidos e significados ao viver. Por exemplo, em cada exercício de corpo, voz, interpretação teatral aprendido, as pacientes vão dominando seus próprios potenciais de comunicação corporal e verbal com os outros, percebendo-se com imensas capacidades de agir com criatividade.

É importante destacar que este trabalho é uma formação teatral contínua com um grupo, que muda em torno de 40% ao ano, devido à saída de qualquer paciente do grupo ou do seu falecimento. Em média duas pacientes faleciam durante um ano devido ao processo do câncer. Isto é algo que, no início, foi extremamente difícil para mim como artista e pessoa, pois tive que lidar com o ver as pacientes em cena com toda a garra e força e depois saber que já estavam “fora da cena da vida”. O próprio palco me ensinou a lidar com a morte como algo da natureza cotidiana. Isto também é uma metáfora da efemeridade do teatro, em que cada obra construída, cada cenário e figurino feito com elas ensinavam o valor do momento presente de cada espetáculo que não se repete.

Fiquei muito feliz quando escutei uma paciente dizer que “*o teatro para mim é vida real e o que acontece no dia a dia em minha vida*” (Paciente B). Conforme Boal (2003), esta é uma interpretação sobre o significado do teatro enquanto lugar de vida. Isso era fundamental dentro da formação, pois muitas delas estavam perdendo o sentido de viver ou se entregando completamente à doença, resultando no retorno das células cancerígenas. De alguma forma, o pisar no palco para chorar, rir, gritar, através dos personagens, era um alívio e um momento para viver a própria celebração de si mesma como mulher.

Neste período de 06 anos de trabalho artístico construí 05 espetáculos teatrais com a participação de 30 a 45 mulheres por ano, estando a maioria em tratamento do câncer de mama no hospital/HAM. A clientela era de mulheres de baixa renda com idade entre 40 a 70 anos. Um percentual de 90% destas pacientes teve que retirar um ou os dois seios. Para este público vinculado a um hospital, o fazer teatral dava uma sustentação psicológica para o tratamento da sua saúde corporal, e principalmente, emocional com a vivência e a criação artística em grupo.

A situação destas mulheres quando entravam no grupo revelava um estado de desamparo e solidão. Uma das pacientes relatou um dos seus momentos difíceis quando disse: “*fiz a radioterapia e saí do hospital muito triste e abatida. Fui para o ponto de ônibus e não sabia se ia para casa ou saía sem rumo pela rua. Fiquei com muito medo das pessoas ficarem com nojo*” (Paciente C).

A prática artística ajudou as referidas mulheres a criarem novas percepções sobre si mesmas nas situações de angústia e medo com a presença do câncer. Por exemplo, no fazer teatral elas eram levadas a interpretar determinados personagens, em situações iguais ou piores que a delas. Foi através deles que elas conseguiam trazer a tona suas emoções e reflexões que estavam escondidas no sofrimento. Elas usavam os personagens para conhecerem melhor a si mesmas e o que podia ser transformado para

gerar um bem-estar na vida cotidiana. A liberdade do viver outro ser, através da dramatização, alterava a maneira de analisar a vida destas pacientes. Elas compreendiam melhor como podem reagir às situações do cotidiano, conhecendo novas emoções vividas nas cenas teatrais.

O processo criativo no teatro gera uma dinâmica e uma intensidade que mobiliza as pessoas para se fixarem no que estão vivendo no momento presente. Um exemplo é quando se tem que dramatizar um diálogo com o outro, numa cena, e ali todos devem estar com pensamento fixado na situação. O que existe no instante é a cena e tudo que ali acontece. A vida externa é deixada de lado, por alguns instantes, para que a pessoa se concentre no jogo cênico. É neste momento que o aprendizado acontece, pois se exercita emoções, pensamentos, gestos e atitudes diversas através do personagem fictício. Uma paciente traduziu esta intensidade ao dizer que “*quando estou interpretando eu expesso os problemas e vivo aquele momento que para mim é como uma cura mental e física.* (Paciente B). O que ela fala de cura, podemos interpretar como o bem-estar, pois ela conseguia estar presente e concentrada para expressar criativamente seus problemas.

## **2. A metodologia teatral como criação transformadora**

O fazer teatral é um processo de desenvolvimento das capacidades de interpretação e representação cênica da vida. Ele move o ser humano para estar consciente de suas habilidades criativas, através do experimentar a imitação ou recriação dramatizada do viver singular. Os resultados da produção teatral eram apresentados ao público com o objetivo de dialogar sobre visões diversas da vida diária das pacientes com câncer. A produção final era uma extensão do processo criativo, que foi construído em sala de aula e depois mostrado ao público de forma esteticamente organizada, afirmando a busca da qualidade dos elementos teatrais. Por exemplo, o texto nascia de uma criação coletiva do grupo em cima de conteúdos lançados a cada encontro. Na maior parte dos espetáculos, o texto foi completamente improvisado na hora. Não existia nada escrito como dramaturgia tradicional. Era apenas o roteiro com início meio e fim que foi memorizado e ensaiado por todas as pacientes. Para facilitar a apresentação final, existia uma marcação espacial do palco para guiar cada localização dos ambientes das cenas e dos personagens, mas a parte verbal de diálogos era improvisada. No depoimento, a seguir, é possível ver o efeito que o desafio de falar, livremente, em público gerava:

*“O teatro mudou muito a minha vida e a minha pessoa. Eu já não falava em público. Não olhava as pessoas olho no olho. Era muito difícil me comunicar com elas, me sentia completamente deprimida e com a ajuda do teatro e dos grupos que participo pude melhorar bastante, pois me sinto mais solta, livre, tranquila”* (Paciente E.).

### **2.1 A construção coletiva da obra teatral**

Cada paciente é visto como um ser criativo por natureza, capaz de inventar e modificar os diversos elementos que compõe a cena, a partir de sua própria experiência de vida. Esta criatividade é que faz de cada participante um criador do espetáculo. Este aspecto gera uma obra mais próxima da vida das pacientes, mais contextualizadas, em suas referências sociais e democráticas, por ter sido feita colaborativamente. Neste sentido, o meu papel de diretor teatral estava mais vinculado ao guiar e mediar o grupo para se construir resultados cênicos estruturados e esteticamente qualificados, para serem vistos pelo público.

Como ponto inicial, o tema geral do espetáculo era discutido a cada ano, através de um método de diálogo participativo a fim de levantar possibilidades e efetivar uma eleição no final. Eu orientava a discussão, utilizando, apenas, a argumentação para manter uma escolha de acordo com o interesse grupal. Posso dizer que neste exercício eu era um ouvinte criativo. Por exemplo, nestas conversas nasceram os temas : “dor” em 2004, “sexualidade” em 2005, “ser mulher” em 2006, e somente em 2007 que o grupo conseguiu colocar a própria doença como tema e, assim, foi escolhido “câncer”.

Depois da definição coletiva do tema, seguia-se para outras escolhas como: as histórias que seriam encenadas, os personagens, os figurinos, a cenografia e as músicas. Cada elemento seguia os desejos das pacientes de se mostrarem em seu resultado cênico. Este mecanismo criativo e coletivo gerava uma união do grupo; uma valorização da autoestima como pessoas autoras; um maior respeito pelas opiniões diferentes; um sentimento de sucesso e satisfação em apresentar algo que nasceu delas mesmas.

## 2.2 O espetáculo como eixo

Como colocar pessoas sem experiência teatral, em cena, diante de um grande público? Este era sempre o desafio a cada ano de trabalho. A resposta estava na coragem e no potencial criador que era estimulado nas pacientes. Existia uma vontade interna de superar a dor do câncer usando a própria coragem de ir para o palco como um exemplo. Para subir no palco e não ter medo de mostrarem-se, elas descobriam uma força desconhecida que servia para ultrapassar as barreiras em suas próprias vidas. Esta força era a base do fazer teatral inovador a cada semana. Para que este desafio se mantivesse nas aulas, eu escolhi trabalhar com o espetáculo, sendo o eixo de todas as atividades.

O que era improvisado, discutido, avaliado ou imaginado pelo grupo estava focalizado e direcionado esteticamente para o espetáculo no final do ano. Com isso, cada encontro era um momento de desafiar as pacientes com a interpretação dos personagens ou um momento de música ou coreografia. O aprendizado de novas técnicas corporais, vocais, entre outras era vinculado ao tipo de cena, ao personagem ou formatação visual do espetáculo. É uma pedagogia por projeto artístico, em que os elementos cênicos vão nascendo a cada dia, a partir dos novos conteúdos revelados pelo próprio grupo. A título de ilustração, visualizamos a peça – “Deixe a vida me levar”, apresentada pelas pacientes do GAMMA:



**Figura 1** - Peça teatral - Deixe a vida me levar.

### 2.3 A aula como ensaio

A minha atuação na condução de cada encontro com as paciente podia ser compreendida com o papel de diretor-professor. Esta é uma nomenclatura de Viola Spolin (2003) para uma função artístico-pedagógica, com público de não atores. Eu tratava cada dia da oficina de teatro como ensaio, em que a mulheres construam o espetáculo e apreendiam as técnicas teatrais ao mesmo tempo. Era fazendo um personagem que uma paciente desenvolvia uma habilidade para expressar suas emoções, de criar um movimento corporal. Não havia uma separação em aprender e fazer, pois, era a própria construção do espetáculo que ia gerando os conteúdos técnicos e artísticos do processo. As pacientes tomavam consciência sobre o quanto estavam aprendendo a se expressar mais, como esclarece uma das pacientes ao dizer: “*fui ensaiando e cada vez ia fazendo melhor e foi dai que achei ótimo, pois ali poderia expressar minha história ao público e com um sorriso no rosto, não com uma lágrima*” (Paciente A). Elas desenvolviam nos ensaios a vontade de mostrar logo o que era produzido.

Nestas aulas havia um momento inicial de aquecimento vocal e corporal do grupo e logo depois partíamos para as improvisações das cenas dos espetáculos. Próximo ao final de cada encontro, o grupo repetia uma sequência cênica que tinha sido criada, vivenciando os aplausos das colegas que assistiam umas as outras. Durante a aula, existiam momentos de diálogos sobre o que estava sendo construindo e, principalmente, eu perguntava algo fundamental: como vocês estão se sentindo? Era neste momento que viam as reflexões e aprendizados que o teatro gerava para vida delas. Vivíamos muitas ocasiões de choro, pois o grupo ficava no limiar entre a vida e a cena. Eu abria estes espaços de escuta, no decorrer da aula, para dar tempo dos sentimentos serem expressos. Quando havia momentos de dor e tristeza, eu usava estes conteúdos emocionais na próxima sequência de jogos de improvisação cênica. As emoções eram digeridas na cena e isso criava uma leveza e uma sensação de alívio ao final. Nos últimos cinco minutos de cada encontro, eu realizava variados exercícios de respiração para deixar para traz as emoções que foram sentidas, em cena, e equilibrar a disposição corporal para voltarem aos seus lares.

É fundamental no teatro saber separar a cena da vida. Era isso que elas aprendiam quando interpretavam um personagem e colocavam para fora emoções intensas como raiva, cólera e angústia que eram expressas como descargas. Mas, ao mesmo tempo, outras emoções que traziam bem-estar como alegria, jovialidade e paz serviam como exemplos para elas utilizarem mais em seu cotidiano. O foco estava na cena como aprendizagem para a vida. Eu estimulava as pacientes a saberem que o palco é um mundo livre e que ali elas podiam experimentar histórias, imaginações, emoções e movimentos corporais que revelavam muitos saberes novos para o cotidiano.

Um ponto central de tratar cada aula como preparação para o espetáculo era que as pacientes sabiam que tinha algo concreto, real e objetivo que estava sendo feito. Tinha uma data marcada e isto as deixava conscientes do porque e para que estavam ali. Estimulava-se o desafio, a segurança e a certeza de que precisava dar certa a produção do espetáculo. Este era aprendizado para a vida pessoal das pacientes que tinham uma necessidade de se concentrar e focalizar na força de vontade para viver e superar o câncer.

### 3. O teatro desenvolvendo a saúde corporal e emocional

*“Fiquei careca, a minha língua ficou preta (...) meu corpo não ficou um fio de cabelo, parecia um ET, fiquei muito feia”.* (Paciente B)

No teatro o corpo é um elemento fundamental para mostrar o personagem e a história, com o seu visual e seus múltiplos movimentos em cena. No momento dos ensaios, as pacientes eram incentivadas a movimentar o seu corpo, saindo dos padrões cotidianos e experimentando formas criativas de gesticular, dançar... Era um exercício da redescoberta das potencialidades do próprio corpo a cada dia. Um bom exemplo para isso foi com a construção do espetáculo “Quem são elas?” Esta obra teatral trazia como conteúdo a revelação da beleza feminina, a força e a garra da mulher, em permanecer feliz, diante das dificuldades do câncer. O público encontrou no palco mulheres diante dos seus “espelhos” e na busca incessante de suas identidades, de mostrar a sensualidade, mesmo com a doença. Quando decidi realizar este espetáculo em março de 2005, eu tinha comigo um grupo de 35 mulheres. A maioria delas estava com muita vergonha de falar da sensualidade, de mostrar a beleza do seu corpo, através dos personagens e da dança.

Foram oito meses de ensaio, em que a cada dia um elemento novo aparecia em suas expressões corporais: cabelos pintados; rostos maquiados; saias e vestidos mais criativos; coluna ereta e tronco erguido; uma voz mais alta para comunicar; muitas brincadeiras de exibição do corpo entre elas. O clima foi saindo do medo para a diversão e da dor para a consciência de ser bela. Este espetáculo começava com elas, vestidas de plástico preto de lixo, e tinha uma sequência de cenas, mostrando a baixa autoestima das mulheres ao se sentirem feias com o câncer. Chegava um momento que entrava uma personagem que tinha coragem de se mostrar e rasgava o plástico, mostrando-se, completamente, bela. Esta mulher passava um espelho em frente a todas as outras amigas dizendo: “*vocês são lindas! Amem-se!*”. Era o sinal para que elas começassem a rasgar os plásticos e mostrarem-se ao público. Ao final desta cena, tínhamos um tapete de plástico preto no chão e as mulheres completamente lindas e felizes dançando, no palco, seu novo momento. Era sempre muito forte esta sequência e algumas delas não paravam de chorar, em cena, quando se libertavam destes plásticos. O corpo estava ali presente, atuante e vivo, revelando a transformação de oito meses de trabalho com aquelas mulheres, como observamos no relato, a seguir:

*“E agora vou levando a minha vida com muita paz, saúde e força. Antes eu queria morrer, agora eu quero mais é viver”.* (Paciente C)

O teatro trabalha com o conflito como base de suas histórias. De acordo com Esslin (1978), a narrativa de cada cena é construída com histórias que mostram forças antagônicas, que percorrem uma sequência entre nó, clímax e desenlace de algum acontecimento. Existe um problema, uma questão que é mostrada ao público e que isso vem de algum conflito do personagem consigo mesmo e com algum outro na história. No trabalho com as pacientes, nós escolhíamos o tema de cada espetáculo e, a partir daí, as improvisações revelavam os conflitos da narrativa. Mas, para cada improvisação que era feita eu as guiava para expressarem, cada vez mais, as emoções dos personagens com veracidade e confiança. É algo que se confirma ao escutar uma paciente dizer que ela ia “*perdendo a timidez, o medo, além de estar podendo botar pra fora todos os sentimentos*” (Paciente A).

Aos poucos elas já estavam se entregando à oportunidade de vivenciarem diferentes tipos de emoções. Uma participante estimulava e desafiava a outra, pois uma emoção que era expressa gerava uma reação dentro da própria cena. Eu destaco, como exemplo, uma cena do espetáculo “Voltei a Viver”, realizado em 2004. O tema deste espetáculo foi a dor da descoberta do câncer. Em uma das cenas uma mulher representava uma personagem que tinha desistido de viver, mas resolve ter coragem e

superar a doença. É um momento em que ela fica no meio do círculo, formado por outras mulheres e em cima de um tablado. Ela fala um texto, emocionante, sobre a coragem de continuar a viver. A própria paciente que fez este personagem foi quem escreveu o texto. Na maioria dos ensaios eu deixava-a falar somente o início do texto, pois ela se emocionava muito e as colegas começavam a chorar. Ela dizia cada palavra com muita felicidade e uma voz que ecoava no espaço. No dia da apresentação, esta cena foi uma das mais lembradas pelo público, pois tinha uma força na voz da paciente que chamava a atenção. Ao final da cena, muitos levantaram para aplaudir de pé esta mulher que nunca tinha feito teatro e estava ali para falar do entusiasmo para viver. Víamos os seus parentes limpando as lágrimas do rosto e aplaudindo-a com fervor. A referida paciente estava com o estado do câncer avançado e poucos sabiam disso. Era uma cena de despedida, pois ela viria a falecer dois meses depois. O teatro tem este poder de abrir o espaço para a prática da sensibilidade, do saber viver as emoções e reconhecê-las como parte da vida.

### **Conclusão**

A partir destas narrativas e descrições metodológicas, eu vi o quanto o teatro consegue gerar um bem-estar corporal e emocional na vida destas pacientes. Neste período, de 06 anos de atividades de teatro no hospital, pude listar efeitos positivos que os exercícios de corpo, voz e interpretação geravam para o desenvolvimento pessoal de cada mulher atendida. Estas repercussões passaram pela desenvoltura em falar sobre si mesmas, sem medo de se expressar com gestos e palavras; uma maior capacidade de se integrar ao grupo com a proximidade física e uma liberdade para expressar seus sentimentos; um aumento da autoestima, a partir do reconhecimento de si mesmas, na beleza e na força de ser mulher, sabendo-se que é cidadã de direito na sociedade; uma maior disposição para mudar e dinamizar sua vida com o estímulo dos personagens vivos e das cenas construídas; uma ampliação da consciência sobre suas emoções, conflitos e escolhas na vida com a vivência diária de novas histórias a serem dramatizadas; entre outros resultados.

Conclui-se que o GAMMA acertou em sua escolha de trabalhar com as artes no atendimento psicossocial das mulheres mastectomizadas e, esta opção, é exemplo de sucesso para diversos outros hospitais. O teatro foi observado como algo necessário e fundamental para guiar as pacientes em questão a vivenciarem suas emoções, mais profundas, através da cena. É o palco na construção de uma vida mais livre para descobrir-se como ser criativo, sensível e cheio de esperança. Há uma frase que esclarece bem este sentido:

*“a história da vida real é triste e faz chorar, e no palco ela se torna vitória”*  
(Paciente A).

### **Bibliografia**

AZEVEDO, Fátima. *Material didático sobre o câncer para os voluntários do GAMMA*. Salvador: Hospital Aristides Maltez, 2006.

BOAL, Augusto. *O teatro como arte marcial*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

ESSLIN, Martin. *Uma anatomia do drama*. Tradução de Bárbara Heliadora. 1. ed. São Paulo: Zahar Editores, 1978.

GRUPO DE APOIO À MULHER MASTECTOMIZADA - GAMMA. *Relatório das atividades de teatro*. Salvador: Hospital Aristides Maltez, 2006.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2003.